

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 111

Data: 11/03/80 Pg.: _____

BR/80 - Av. Higienópolis, 1863 - 01234

190 Índios foram trucidados

Os índios guajajaras mortos na Fazenda Xopé, em Barra do Corda (MA) «foram trucidados pelos fazendeiros», diz o Conselho Indigenista Missionário, desmentindo a versão dada pelo superintendente da Funai, Peero Paulo Fatorelli que no dia quatro de março sustentou a versão de morte como consequência «de uma rixa antiga».

De acordo com a nota distribuída pelo Cimi, «os índios Mateus e Moacir, os dois líderes mais velhos do grupo foram amarrados e levados pela Polícia Militar de Barra do Corda até a fazenda e lá, barbaramente assassinados e jogados no rio». Os corpos dos índios foram encontrados uma semana depois.

No momento o clima de Barra do Corda é de muita tensão, pois na briga entre fazendeiros e índios morreu um branco, o que tem levado os guajajaras a temerem uma represália por parte dos fazendeiros. O chefe da Ajudância de Barra do Corda, Porfírio de Carvalho está sob ameaça de morte por parte dos fazendeiros e já se refugiou em São Luís. Segundo o superintendente da Funai «já tomamos providências».

INVASÃO

A origem da morte dos índios guajajaras foi invasão de território. No dia 26 de fevereiro um grupo de índios encontrou alguns brancos dentro da reserva indígena. Os brancos atiraram e na briga morreu um Deles. Dois outros foram levados para a aldeia do Posto Indígena Cana Brava. Os guajajaras temiam um ataque e foram ver o que os fazendeiros estavam preparando. Os fazendeiros preparavam um ataque. Houve novo enfrentamento e alguns brancos foram até Barra do Corda pedir ajuda à Polícia Militar. No caminho de volta a polícia encontrou dois índios, que não tinham participado da briga, e os prendeu. Os índios eram Mateus e Moacir que levados frente aos fazendeiros foram mortos.

Segundo a Funai, que continua sustentando a versão de «rixas antigas», o proprietário da Fazenda Xopé e os guajajaras já se enfrentaram anteriormente. Diz ainda o superintendente da Funai que o fazendeiro «viu seu irmão morto e foi procurar apoio da polícia».

O destacamento policial que ora se encontra em Barra do Corda foi levado para lá em agosto de 1979 para proteger os guajajaras depois da tentativa de massacre contra um grupo que mora em São Pedro dos Cacetes.

Na ocasião, 21 homens armados de metralhadora e facões invadiram a aldeia e feriram oito índios. Depois da tentativa de massacre o ministro Mário Andreazza, do Interior e o governador João Castelo, do Maranhão, assinaram um convênio para o reassentamento das famílias dos posseiros. Informa a Funai que o reassentamento terá início em julho.

MORTES

Com as mortes de Mateus e Moacir, ocorridas em 26 de fevereiro a Funai já tem quatro casos de assassinato cujos processos estão em andamento desde dezembro de 1979: o primeiro foi em 26 de dezembro quando o pistoleiro Antônio Lino matou o cacique Angelo Xavier, dos pankararés da Bahia, depois em 29 de janeiro quando foi morto o cacique Angelo Kretá e agora os dois mais velhos líderes dos guajajaras. O superintendente do órgão tutelar desculpando da morosidade na solução destes casos afirmou «o que é que vocês querem que a Funai faça, que prenda?»

MANIFESTO

Assinado por treze entidades de classe, está sendo distribuído à população paraense, um manifesto em que se convidam todos os brasileiros a se unirem na luta, que se desenvolve de Norte a Sul do país, em apoio às comunidades indígenas.

Em defesa de sua tese, argumenta o manifesto que «as declarações emitidas quando da chegada de 30 índios tucanos e maku a Belém para se submeterem aos exames de vestibular, de que o índio deve deixar de ser índio, que sua continuidade como etnia é um perigo à Segurança Nacional, que há uma ofensa chamá-lo de índio, além de outros preconceitos, agridem à Constituição Federal, o Estatuto do Índio, conhecimento científico antropológico e até os mais elementares princípios de respeito à pessoa humana».

Entre as entidades que assinam o documento estão: Grupo de Apoio ao Índio (GAI), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação dos Docentes da UFPA, Associação Regional de Sociólogos, Grupo de Teatro Cena Aberta, Comitê Paraense de Anistia, Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e União Nacional dos Estudantes.